SUMMARIO.

CONHECIMENTOS-UTEIS: Economia-politica (*Continuação*) — Mappa estatistico da população do concelho de Cintra, e seu movimento no anno de 1843 — Precisâmos variar as culturas (Ilha da Madeira. *Carta*). PARTE-LITTERARIA: Do maravilhoso na poesia epica — Uma viagem de dois annos (Capitulo I) — Estudos-moraes (Introducção — A dissimulação) — Theatro de D. Maria II (*Os Especuladoras*. Drama em 5 actos, traduzido do francez). VARIEDADES: Ilha da Madeira (Successos do Dr. Kalley) — Correio Extrangeiro — Correio-Nacional.

CONHECIMENTOS UTEIS.

ECONOMIA-POLITICA. *

VI.

920 — 124 Deve intender-se por *ferramentas e machinas* todos os instrumentos com que o homem ajuda a sua fraqueza para affeiçoar os objectos materiaes. As ferramentas são machinas muito simples: as machinas são ferramentas mais complicadas.

125 As machinas supprem o trabalho de muitos homens pondo em exercicio fôrças naturaes, tanto faz que ellas procurem empregar melhor o trabalho dos homens, como que façam alcançar a mesma quantidade de productos com menos número de trabalhadores. É n'isto que está a sua principal vantagem, que passa por grande inconveniente para todos aquelles que assentam que é desgraça superior o não dar que fazer aos indigentes a comprar os productos mais caros. E todavia ésta carestia é o principal obstaculo aos progressos das sociedades. Suppunhamos que os productos não custavam sacrificios nenhuns, ou que por nada se obtinham; os trabalhadores verdade é que não achariam obra; mas tambem não teriam necessidade de trabalhar. Ora, toda a economia do trabalho é um passo que se dá para esse fim. É evidente que este não se alcançará jamais; mas a economia do trabalho traz comsigo progressivamente a barateza dos productos em proveito da sociedade. Argumenta-se que o que se economiza com as machinas é á custa dos trabalhadores, porque não ha que lhes dar a fazer: mas estes ficam livres para trabalhar n'outras producções, e os que poupam o seu dinheiro comprando mais baratos os productos das machinas, ficam habilitados a dispender o dinheiro assim poupado na compra dos novos productos em que os trabalhadores se empregarem.

126 *As machinas multiplicam os productos intellectuaes e emancipam o trabalho.* Se para produzir as diversas qualidades de productos, ponhamos exemplo nos alimenticios, fosse necessario empregar todos os braços, v. g. cavando a terra á inchada em vez de a arar com a charrua arrastada por animaes, que é uma machina, bem se ve que esses homens fariam falta ás artes etc. logo, o uso das machinas importa a cultura de todas as artes do espirito e do coração. E com as machinas tambem o trabalhador se vai eximindo successivamente do emprego de trabalhos penosos e repugnantes, e dos que o poderiam embrutecer e aviltar ainda mais.

127 Estes factos porém não são tam decisivos que muitos publicistas deixem de combater a introducção das machinas. Diz-se que as necessidades de uma nação são uma quantidade fixa, e que quando o consummo chega para toda a producção, as descubertas que augmentarem ésta serão uma calamidade. Mas não ha tal quantidade fixa de necessidades nas nações, porque a população augmenta e diariamente se vai fazendo uso de productos até ahi desconhecidos. Ora os productos creados por um productor fornecem-lhe meios de comprar os productos creados por outro, de tal modo que se vem a haver excesso de um producto é porque ha escassez de outro. E se quizerem ainda dizer que ha certas necessidades que teem limites obrigados, por exemplo, que um páiz não precisa de mais chapeus do que as cabeças que tem; póde responder-se que a multiplicação dos productos tambem multiplica as cabeças. Ainda adiante se tractará outra vez d'esta materia.

128 O unico inconveniente das machinas é obrigar os homens a mudar de occupações. Tudo que é aprender custa, e gasta tempo, e não se alcança immediatamente podêr fazer render a industria em que nos empregâmos. D'aqui veem os transtornos e as crises, a que ainda se não soube acudir senão com paliativos. É este um problema cuja resolução interessa as classes pobres e a sociedade toda. Este inconveniente ainda será maior quanto mais repentina for a introducção das machinas. Foi assim que a descuberta do officio da fiação e a introducção do vapor, feitas umas sôbre a outra nos fins do seculo passado, trouxeram comsigo tantas complicações, porque mudaram todo o systema de manufacturas.

129 Mas como estes inconvenientes são passageiros, e não podem suspender os progressos com que as nações chegam á civilização e á abundancia, será isso uma razão de mais, visto que a sociedade acha n'isso vantagem, para que se procure um meio de indemnizar aquelles a quem uma nova invenção prejudicar. Até hoje so se tem recorrido á creação de trabalhos publicos, pára dar que fazer ao superfluo momentaneo dos trabalhadores, e aos conselhos de economias para previnir as crises. Mas como se hade economizar quando apenas houver o necessario? Quanto aos trabalhos publicos não se podem pagar senão por meio dos tributos, e os tributos são principalmente pagos pelos pobres. A boa organização de uma sociedade é a unica coisa capaz de attenuar ou remediar todos esses males, de que o phrenezi das especulações, e má legislação, a impericia dos imprehendores, e a ignorancia, são a verdadeira causa.

130 A introducção das machinas é impossivel de evitar, e o paiz que as não admittisse aggravaria ainda os seus inconvenientes; porque o que um povo não fizesse o faria o seu vizinho, e os productos assim fabricados n'outra parte mudariam apenas o mal. A questão reduz-se pois a prevenir os effeitos da introducção das machinas e não a impedil-a.

131 Outra consideração domina tambem a questão. Se se admittisse a prohibição das machinas, haveria impossibilidade de estabelecer uma distincção entre as machinas que conviria permittir ou prohibir; porque todas ellas são como irmans. A distincção que se tem querido fazer de machinas *necessarias*, *menos complicadas*, *que tirem menos trabalho aos operarios*, e *novas*, é impossivel de pôr em prática.

132 Felizmente que ha muitas circumstancias que

* Continuado de pag. 290.

attenuam os inconvenientes que podem resultar momentaneamente, para a classe operaria, da introducção das machinas.

1.º As machinas em geral são caras, e precisam-se grandes capitaes para as pôr a trabalhar.

2.º O exercicio useiro, o receio das innovações, o medo de perder capitaes, retardam a applicação das machinas, tornam a transição gradual e ás vezes fazem desapparecer todos os inconvenientes.

3.º Á proporção que as artes se aperfeiçoam, a invenção das machinas se vai tornando mais difficil. N'alguma das artes faz-se executar por uma fôrça cega tudo quanto é possivel fazer-lhe executar, e o homem faz unicamente todas as funcções em que é indispensavel a intelligencia.

133 Ainda ha a considerar, que pela experiencia se conhece que o excesso da população, a falta de industria e de actividade; a penuria dos capitaes, uma administração má etc., são as verdadeiras causas da miseria dos povos. No reinado da rainha Isabel ainda não havia máchinas na Inglaterra, e data d'esse tempo a lei da sustentação da pobreza que tanto alli tem multiplicado os pobres; e hoje, nos paizes onde senão introduziram as machinas, como na Polonia e na China, muita gente morre de fome.

134 Em muitos casos as machinas tem multiplicado o trabalho em vez de o supprimir. Quanto mais se reduz o preço do producto mais ao alcance elle fica de maior número de consummidores. Tem-se visto o abatimento de um quarto no preço do producto fazer duplicar o seu consummo.

135 O aperfeiçoamento das vias de communicação diminue as despezas da producção e faz avançar a industria dos povos. Ha íntima relação entre o desiuvolvimento das machinas de rolagem e a vasão dos generos, como adiante veremos quando se tractar da circulação das riquezas.

136 A nossa epocha será notada principalmente pelo aperfeiçoamento das vias de communicação: rios cannaes, estradas, carris-de-ferro. Estes últimos sôbretudo, parecem dever contribuir muito para mudar a face do mundo. Com o soccorro do vapor os resultados que devem produzir e ja produzem éstas novas vias de communicação, são incalculaveis. As dezenas de viajantes se tornarão em milhares; certas aldeas se converterão em cidades. Uma agitação universal apparecerá em todas as industrias locaes. Muitas coisas em particular perderão porventura com isto tudo; mas o complexo da industria e da civilização será inteiramente revivificado.

137. O que fica ditto a respeito das machinas se applica tambem ás *descubertas* de toda a especie, a todos os processos, de qualquer natureza que sejam, e cujo fim é fazer executar melhor, mais depressa, e por fim de contas mais barato.

(*Continúa.*)

921 MAPPA ESTATISTICO DA POPULAÇÃO DO CONCELHO DE CINTRA, E SEU MOVIMENTO NO ANNO DE 1843.*

Freguezias.	N.º dos fogos.	N.º dos habitantes. masculinos.	N.º dos habitantes. femeninos.	Movimento. Nascimentos. masculinos.	Movimento. Nascimentos. femeninos.	Movimento. Obitos. masculino.	Movimento. Obitos. femenino.	Casamentos.	Observações.
San'Martinho	389	872	720	30	28	25	22	8	O que este concelho paga de decimas, impostos, contribuições etc., não se póde calcular fixamente porque varia muito, e por differentes razões; mas póde-se calcular com segurança em 30:000$000 réis (não incluindo a contribuição nova para as calçadas, nem a excessiva despeza com a justiça, porque estes homens aqui andam sempre em rixas, demandas etc. etc.) d'onde resulta, despresando as fracções, 2$100 por cada pessoa, ou 8$100 por cada fogo.
Sancta Maria	224	379	371	13	12	5	10	8	
Rio de Mouro	329	741	670	23	18	24	24	11	
San'João Degolado. (Terrugem)	282	661	559	22	37	24	9	10	
Montelavar	525	991	993	36	34	24	22	7	
Chilleiros	169	353		6	10	10	5		
San'Pedro de Penaferrim	507	912	918	26	29	23	28	8	
San'João das Lampas	616	1:300	1:260	38	34	16	25	26	
Almargem do Bispo	650	1:571	1:409	56	56	46	43	16	
Somma	3:691	6:780	6:900	250	258	197	188	94	

* Este artigo que pára ha muito na pasta da Redacção, sempre me pareceu digno de ser publicado para exemplo e estimulo de estudos d'este genero, de que nós tanto carecemos, e que nem por parte do govêrno são como deviam ser promovidos ou auxiliados. Eu sei que estes artigos não serão agradaveis á maior parte dos leitores, mas quando um jornal se innobrece com o titulo de *Revista* intendo que o seu fim é ser um jornal

Sr. Redactor. — Ao enviar a V. este mappa estatistico da população, do concelho de Cintra, extrahido da estatistica que o administrador do mesmo concelho (1844) tinha ordenado que se fizesse, (porque isto foi uma coisa que nunca passou pela idéa dos seus antecessores) é preciso dizer, que apezar das reiteradas ordens do mesmo administrador a estatistica ainda não sahiu perfeita pela extrema confusão que apresentam os mappas feitos nas regedorias, não obstante ter-se remettido a cada uma, um modêlo para se regularem: portanto, foi-me summamente custoso podêr fazer este mappa, que eu queria que fosse mais cheio de noticias; mas não pôde ser pela differença labyrinthica que offerecem os mappas dos regedores. Comtudo assim mesmo resumido o invio a V. para o inserir se o julgar digno.

Não abusando da bondade de V. seja-me concedido fazer umas pequenas observações, sôbre os motivos da quasi impossibilidade de se fazer uma estatistica geral, pelo methodo em vigor. — Longe as suspeitas de que eu queira desacatar as sabias instituições que nos regem. — Eu so quero em quanto ás que dizem respeito á estatistica de que tracto, mostrar quaes são os inconvenientes que a experiencia me mostrou que havia na praxe d'ellas, provenientes da geral falta de instrucção, e da nossa diminuta civilização. Se porém eu ferir algum melindre propenso a offender se, confesso ser involuntariamente.

São os regedores, seus escrivães, e parochos (de accôrdo) que devem fazer estes mappas, e feitos, invial-os ao administrador respectivo para este os passar a limpo. — Não desapprovo: — Mas não seria convenientissimo que estes homens fossem inspeccionados, e dirigidos por um outro que os activasse, um outro digo, que soubesse appreciar as vantagens que d'alli podem resultar á patria, e que tivesse conhecimentos? — Sem duvida. — E senão: dir-me-hão que influencia, que actividade, e que gôsto póde ter um homem, em fazer uma relação de nomes, idades, sexos, estados, etc. que demanda tanta cautella e cuidado como todos sabem, se este que tem de a fazer ou dirigir, nunca pegou na penna, a não ser para assignar algum testamento, ou escriptura a que fosse servir de testemunha? Se isso a que elles chamam *estatista* elles não comprehendem (ainda que lhes abram as cabeças), como lhes póde vir a ser util, so por dizerem que annos tem, se são casados, se teem filhos, quantos, e de que sexo? ! Se «*isso so agora é que se vê, e nunca foi preciso*» como elles dizem? Se para elles a unica utilidade que appetecem ter, é que as suas *vinhitas* e as suas *terrixas* deem mais alguns bagos, ou grãos sem que os fintadores o sonhem? Se elles, seus paes, e avós sempre viveram e augmentaram os seus cabedaes, com a pesada e comprida aguilhada em vez da pluma diminuta e leve! — Isto, pelo que toca aos regedores nas aldêas

E os escrivães que elles empregam juncto a si para fazerem as guias de vintem ou patacо, e os bilhetes de interramento d'onde lhes provém legalmente 40 reis, quem são? — Naturalmente algum dos mais espertos da povoação, porque em toda a parte os ha; talvez um d'aquelles que so andando quatro annos a apprender com o padre cura, ou reitor (por não haver professor regio) ja lêem soletrando com poucos erros, e que serviram muito aos paes antes de casarem, por serem quem lhes lia os seus *bilhetes* de decima, e de *inlústre* etc. — Talvez; muito embora; mas comtudo isso, poderá elle riscar um mappa complicado, e enchel-o devidamente em todos os seus dizeres? Elle que detesta tanto o ler, e o escrever como aborrece alli o vizinho que está sempre álerta, que não amanheça atestada do seu cerrado mais para o centro do baldio do que na vespera, (mudanças mui frequentes) para o ir relatar ao zelador, pelo interesse publico? E mórmente devendo o regedor deixar a sua lavoura, a sua sacha, sementeira etc. e o escrivão deixar o seo trafego jornaleiro, e parar alguns dias de ganhar o pão para a mulher e filhos, para escrever o que não intende, não percebendo nenhum d'elles indemnisação alguma por isso.

Portanto jamais se poderá fazer uma estatistica perfeita, se não forem os escrivães das administrações, como mais peritos, e visto ter-se-lhes augmentado a tabella, ou outros individuos com conhecimentos e diligencia (a quem o cofre do municipio gratificasse, porque em beneficio é da camara), obrigados a fazerem esses mappas parciaes, com coadjuvação dos parochos e regedores, não para o trabalho manual, mas só para esclarecimentos, e noticia de cada povoação e fogo, e das edades de muitos, a quem os paes com medo ou nojo do pão que o diabo amassou, diminuem tres ou mais annos, e d'aquelles a quem o temor ou suspeita de ser jurado, lhes faz augmentar oito ou dez; porque não julgam nem uns, nem outros, que haja outro prestimo n'estas relações.

Tendo ja sido prolixo em demasia n'esta minha carta por isso não exponho outras razões que porventura haveria, appetecendo que V. a ache capaz de occupar um cantinho no seu jornal.

Julião Valerianno Simões.

PRECISAMOS VARIAR AS CULTURAS.

ILHA DA MADEIRA.

(*Carta.*)

992 *Sr. Redactor da Revista* — É verdade incontestavel que á lavoura devem hoje os grandes Estados a sua primeira elevação; e embora as artes, o commercio, a industria (que á lavoura devem tambem a sua origem) lhes tenham augmentado o esplendor, comtudo, ella foi, ainda o repito, o primeiro movel da sua elevação. — O abandono d'este importante ramo não tem de certo entrado por pouco na queda dos imperios. — Se os costumes patriarchaes das primeiras edades não tivessem cedido o logar a um luxo desinfreiado e estulto, se do arado sahissem ainda hoje homens que regessem outros homens, talvez que em muitos pontos do globo onde so se incontram as ruinas e a morte, se podessem achar povoações cheias de vida e de actividade.

Ha um ponto cujas margens beijam as ondas do oceano, e que os poetas chamaram em todos os tempos a sua flor, e o seu mimo. — Fallo da ilha da Madeira. — Ésta possessão em outro tempo ricca, em outro tempo feliz, não é hoje mais que um simulacro da sua passada grandeza. — Dada á cultura de um genero, para que o seu torrão é proprio, tendo segura a sua venda, porque as circumstancias especiaes da Europa a faziam quasi a unica vendedora d'elle, a Madeira apresentava o espectaculo de uma povoação que incontrava prompta e ricca recompensa ao seu trabalho.

Mudaram hoje as suas circumstancias. — Este genero foi depreciado, é um genero tornado de luxo, um genero com muitos competidores nos mercados d'aquem e d'alem do equador, e portanto de difficil, e ás vezes impossivel venda: eis em poucos palavras a situação da Madeira.

A isto accresce ainda os habitos da cultura cuja desarreigação é tam difficultosa como a de quaesquer outros. — Os povos costumados ao amanho das vinhas teem uma natural repugnancia de se entregar a outro, pretextando, o que até certo ponto é verdade, que o sólo é mais adaptado pela natureza á cultura da vinha do que a outra cultura.

Entretanto á força de soffrer privações, exhausto e quasi morto de fome, o lavrador vai como impellido pela dura lei da miseria, lançando suas vistas sôbre outras producções que lhe possam supprir o vinho, ao qual ja não acha comprador que o recompense. — Em alguns pontos da ilha voltaram-se á batata que desgraçadamente lhe faltou este anno.

Em outros recuaram dois seculos e lançaram mão

util, e não um jornal de pilherias. Se me ingano com muitos nem por isso perco a convicção de que acerto com o bom-senso.

Da K.

da sua primitiva cultura, a cana de assucar, que bons resultados apresentou, e promette ser vantajosa. — O café não foi esquecido, e não poucas familias devem hoje uma boa parte da sua subsistencia a ésta producção. — Sôbre ésta pois como mais importante farei algumas reflexões.

A experiencia tem demonstrado que o torrão que é proprio para vinhos finos, produz todos os fructos de uma qualidade muito mais superior do que qualquer outro. — Assim é que a cana de assucar contém muito mais materia sacharina do que a do Brasil e West-Indias. — O ananaz é mais aromatico, e mais guacento do que o d'aquelles paizes, e o café contem mais oleo essencial, e é por consequencia mais forte do que o do Brasil, e Angola, West-Indias etc. Se duas colheres de sopa do pó resultante da baga de qualquer d'estes pontos, são necessarias para o almoço d'uma familia por exemplo, uma so do café da Madeira é mais que sufficiente. — Quer dizer que ha para quem usa do café d'esta ilha uma economia demonstrada de 50% sem tomar em linha de conta o melhor aroma e a todos os respeitos a melhor qualidade. — Se pois o café de Angola e Brasil se vende em Lisboa a 120 rs. quem comprar o da Madeira a 200 rs. economiza mais do que os 50%, isto mesmo para quem não fôr epicurio, e reparar so no rigor das cifras, porque para quem o fôr terá do seu lado a superioridade do genero.

A quantidade d'esta producção vai ja sendo importante — ja muito pouco se importa, e em em breve uma boa parte d'elle irá abastecer o mercado de Lisboa.

Amante do torrão em que nasci, devo concorrer quanto em mim cabe para o salvar do estado em que se acha, e por isso lhe rogo, Sr. Redactor, a insersão d'estas reflexões no seu interessante periodico.

Um Lavrador da Madeira.

PARTE LITTERARIA.

DO MARAVILHOSO NA POESIA EPICA.

923 Sendo o homem um ente composto de um corpo terreste e perecedouro, e de uma alma racional e eterna, era de necessidade que n'elle com mais ou menos força se desinvolvesse o presentimento innato de uma existencia futura, de um mundo sobrenatural, espiritual, onde sua alma dividida do pó organizado, fosse acolher-se e descansar das fadigas e da pena d'esta vida transitoria, e disfructar no seio do Creador o premio das suas virtudes.

Ésta idea, ou sentimento, é quasi tão antiga como o mundo, e traduzida diversamente, segundo a indole differente dos cultos, que d'ella nasceram, se incontra em todos os tempos e em todas as nações do mundo, por barbaras ou incultas que sejam.

A ésta idea se une outra, que d'ella se deriva, isto é a da protecção immediata, ou do odio de alguns dos seres espirituaes para com os habitantes d'este pobre e mesquinho mundo.

Nada mais natural do que os homens interiormente ignorantes dos effeitos das coisas e dos phenomenos da natureza, attribuirem todos os bens que disfructavam e todos os males que lhes acontociam, á benevolencia de algum ser sobrenatural e poderoso, e á vingança e malignidade de outros: d'aqui a doutrina dos deuses bons e dos deuses maus, ou do bom e do mau principio, symbolizados pelos Chaldeos em Orosmano e Arimano, pelos egypcios em Osiris e Typhon etc. d'aqui as offertas e sacrificios, para agradecer a uns e para applacar os outros tambem d'aqui os medos e superstições religiosas; e d'aqui nasce o apresentar-nos a historia, cada povo contando com o patrocinio de uma divindade, e receiando o animo hostil da divindade protectora de seus vizinhos e inimigos.

Dividida pois a vida humana, entre as impressões do mundo visivel, e as ideas do mundo invisivel, força era que nascesse o dogma da fatalidade, e que o homem fosse um boratim inteiramente movido pelos deuses. Se praticava uma acção, era por que um numen lh'a inspirava, se praticava um crime, é porque outro numen lhe havia tirado o juiso. Se um Hene affrontava o seu contrario era guiado pelo deus que o protegia; se o inimigo errava o golpe que lhe dirigia, era porque o mesmo portector desviava a lança do seu peito. Nenhum guerreiro se invergonhava de retirar-se, e mesmo de fugir diante de outro, porque isto não queria dizer que lhe fosse inferior no esforço, mas que lhe faltava a protecção celeste de que lhe provinha toda a força e esforço.

É nesta continuada dependencia dos deuses, que Homero nos apresenta os homens nos seus dois grandes poemas, porque a poesia historica, ou epica, é a copia da vida humana nas suas epochas mais solemnes, e o nosso amor proprio se lisongeia de interessar os ceus nas suas acções e destinos. Ha em nossos corações um sentimento de orgulho, que nos leva para tudo que é novo, sobrenatural e incomprehensivel, e é por isso que os quadros maravilhosos nos despertam tanto as attenções na epopeia; a pintura das paixões commove a nossa alma, faz-nos derramar lagrimas como acontece na tragedia; mas se o poeta pertende arrebatar-nos é necessario ferir a nossa imaginação com o maravilhoso, e por meio d'elle é que póde grangear a nossa attenção, por muitos dias de leitura, e não como no theatro por poucas horas de espectaculo.

Alguns criticos sem imaginação, alguns philosophos, cujo sentimento estava embotado pelas sciencias positivas, clamaram contra o maravilhoso, chamando ás suas ficções mais ricas, *Contos de Velhas, para entreter creanças*; mas não é para taes homens, que os poetas cantam. A poesia é essencialmente popular, e o povo gosta de fabulas, e de tudo quanto tem um ar extraordinario! A poesia scientifica, os poemas philosophicos, podem ser lidos e applaudidos nos gabinetes dos eruditos; mas a grande poesia, a que é decorada por todos, que agrada a sabios e ignorantes, a homens e mulheres, a velhos e a moços, a poesia que se canta nos salões e nas praças, nas lojas e nos campos, a poesia que merece o nome de nacional, é a que se embebe nas opiniões, nos usos, nas legendas das nações, e que representa ao vivo o seu character.

As epopeias sem, ou com pouco maravilhoso, dormem nas estantes, como a Pharsalia de Lucano, ou a Guerra-Punica de Silio Italico; as epopeias mais afamadas são as que mais maravilhoso alardeiam; para elle sempre os homens são creanças. Todos os que estudaram latim e grego, se não são inteiramente estupidos, sabem de cór grandes trechos da Illiada e

da Eneida, mas são bem poucos os que leram, ou se recordam de alguns versos dos poemas de Nicandro, de Arato, ou de Manilio. O episodio de Adamastor, e a descripção da ilha do amor, é o que de todos os Lusiadas a nossa gente mais sabe de cór. Qual é o lavrador da Toscana, que leia, ou cante alguma tirada dos gabados poemas das *Abelhas* e da *Cultivação* de Rocellai e de Alamanni? Mas os segadores nas margens do Arno, ceifam os trigos ao som dos tercetos de Dante, os de Ferrara lavram a terra cantando as stanzas do Orlando, e os gondoleiros de Veneza atroam os canaes e o Lido com episodios da *Jerusalem*. Qual é o artista inglez que não recita alguma scena dos dramas de Shakespeare, alguma passagem de Milton? Mas decerto as margens do Thames nunca ouviram um marinheiro entoar versos do *Ensaio sobre o homem*, ou das *Estações de Tompson*.

Provado pois pelo exemplo da Iliada e da Odysseia, da Eneida, e da Divina Comedia, da Jerusalem, e dos Lusiadas, do Paraiso-perdido, e da Messiada, que o maravilhoso é parte integrante da Epopeia, e que sem elle nenhuma se torna popular, resta indagar qual e o maravilhoso que mais convenha aos poemas modernos.

Boileau, que como os mais litteratos da França n'aquelle tempo, julgava saber tudo, porque sabia grego e latim, Boileau que fez uma Arte Poetica, sem ter lido Tasso, nem Dante, nem Ariosto, nem Milton, nem Camões, com a mesma franqueza com que dicidíra, que os poetas antigos eram superiores aos modernos, porque por estes so intendia *Scudréy*, *Le Moine*, *Desmarets*, *Saint-Amand*, *Chapelain*, e outros escrevinhadores francezes, decide se pela mythologia romana, e condemna o maravilhoso christão, porque diz elle:

De la foi du chrétien les misteres terribles
D'ornements *egayés* ne sont pas susceptibles,

Como se se tractasse das machinas para algum poema *Heroicomico*. E accrescenta.

Le Tasse, dirat-on, l'a fait avec succés.
Je ne veux point ici lui faire son procés;
Mais quoique notre siécle á sa gloire publie,
Il n'eut point de son livre illustré l'Italie
Si son sage heros, toujours en oraison,
N'eut fait que mettre enfin Satan á la raison;
E si Renaud, Argant, Tancrede, et sa maitresse
N'eussent de son suget ejaye la tristessa.

Ésta razão é tam frivola, que parece impossivel ter escapado da penna de Despreaux: não viu elle, que Perrault, e Lamothe se poderiam servir d'ella contra Homero, e dizer que a sua obra *não teria illustrado a Grecia, se Achiles não fizesse mais que renhir com Agamemnon, armar-se na sua tenda, chorar e fazer queixa a sua mãe; e se Nestor, Patroclo, Ulysses, os dois Ajax, e Diomedes, Priamo, Heitor, Hecuba, e Andromaca não tivessem animado a insipidez e monotonia do seu poema?*

Se o argumento provasse contra Tasso, provava tambem contra Homero; e a verdade é que o mais bello poema, se o despojarem de todos os seus episodios, reduzindo-o ao assumpto propriamente ditto, ficava como o cadaver de Helena, depois de descarnado, que não apresentará mais que um esqueleto fetido e hediondo, em que ninguem será capaz de descobrir vestigio da belleza de que se adornára na vida.

Se Boileau, que parece que so falla do Tasso por informação, tivesse lido o Gofredo, o poema de Dante, e o Paraiso de Milton, é natural que reconhecesse que o poeta epico podia tirar grande partido do machinismo christão. É preciso comtudo confessar que elle na sua arte poetica advoga mui judiciosa e poeticamente a causa do maravilhoso pagão.

Outros criticos seguindo o extremo opposto, não permittem aos poetas o uso de outro machinismo, que não seja o christão; e Rolin que tinha mais erudição, que juizo, mais piedade, que bom gôsto, não duvidou affirmar que o poeta que em seus escriptos tractava a Venus, a Diana e a Jupiter como divindades cahia *ipso facto* no peccado da idolatria: tam pouco se necessita para um poeta ir ferver eternamente na caldeira de Pero-Botelho! Não era d'essa opinião o celebre poeta latino Santeuil, que respondeu aos que lhe faziam ésta censura.

Ignem Mulciberum cererem frunista vocabo
Et pluvium, in terras dum cadit unda, Jovem.
Si veneta decribam arces, motimino magno
Non homine dicam, sed possuisse Deos.
Illic Adriacis surgat Neptuno ab undis,
Atque nove admirans hæreat urbis opus.
Quod, in bella canam, Jani Mars limina vellat
Et bellatores ducat in arma Deos.
Mulciber. Otnæis recoquat fornacibus arma
Thracibus, aut rigidis arma tremenda Getis
Si decora hæc tablas sine vi, sine pondere carmen
Lectori fesso tædia mille ferit.

E comtudo lisongeamo-nos de que apezar da sua *idolatria e impenitencia, poetica* Deus teria piedade com a alma do padre Santeuil, que nos consta pelo testimunho dos seus contemponareos que em todo e decurso da sua vida se mostrara homem honrado, o exemplar christão.

Por outro lado Voltaire, e alguns outros poetas epicos que seguiram o seu exemplo, julgaram que podiam supprir a mythologia, e o maravilhoso do christianismo, personalizando as virtudes, e os crimes, as paixões, e os vicios, e outras que taes idéas methaphisicas. É certo que Homero persolanizou o somno, os sonhos, e a morte, e que Virgilio personalizou a Fama; mas nem o poeta grego, nem o latino se lembraram de empregar éstas personagens alegoricas como agentes principaes de uma fabula heroica. A discordia.

Sortant des Cordeliers pour aller aux Minimes está mais bem colocada no *Lutrin*, que na *Henriada* porque este maravilhoso póde ser muito philosophico, porém é muito pouco epico.

O nosso D. Francisco Botelho de Moraes e Vasconcellos nos seus dois poemas *El Alphonso*, e *el Nuevo Mundo*, hoje rarissimos, e com especialidade o segundo empregou um maravilhoso de sua invenção, composto de genios e nymphas que presidem ao regimento do mundo debaixo da direcção do Ente supremo. Este machinismo, que é com outro nome e outras formas, o equivalente de Deus com os anjos, e os sanctos de uma parte, e os demonios e os vicios da,

outra, não deixa de fazer mui bom effeito: todo o inconveniente está em o leitor se achar derepente rodeado de individuos que não conhece, pois que o poeta lhe não da d'elles noção, nem explicação anterior, e perguntando a si mesmo quem é *Theopnea*, *Harcriso*, *Sepsis*, que pela primeira vez ouve nomear.

Mr. Lemercier no seu poema da Atlantide propoz-se a crear um maravilhoso epico representando toda a philosophia de New ou nas aventuras de diversas divindades de sua creação, como os antigos haviam symbolisado a sua cosmogonia, e astronomia nos mythos, e legendas das suas divindades. Mr. Lemercier mostrou no desempenho d'esta idea muito ingenho, e espirito poetico, e cremos que as suas novas divindades postas em obra por um genio dariam boas machinas para um poema epico, porém não houve ainda quem se tentasse a fazer a experiencia.

Sem dar a minha opinião como regra, do que estou bem longe, mas apresentando-a so como uma idéa para ser discutida n'esta questão de gôsto, aconselharia eu no poeta epico que tomasse o seu maravilhoso da religião do seu heroe; isto é: que usasse da mythologia pagan cantando um heroe grego, como praticou egregiamento Gabriel Pereira de Castro, na sua Ulyssea; da do Edda celebrando um heroe scandinavo; da egypcia tractando de um heroe egypcio antigo; e do maravilhoso christão quando fosse christão o heroe. Assim haveria mais unidade, e harmonia no poema, porque tam grande disparate é que invocando Vasco da Gama ao Deus verdadeiro lhe acuda Venus com as Nereidas, como vemos nos Lusiadas, como invocar Ulysses a Minerva, e acudir-lhe a Virgem Maria.

No maravilhoso christão ha duas coisas a distinguir. 1.° o maravilhoso theologico 2.° a mythologia popular. Aquelle deve reservar-se para os poemas de assumpto religioso, como o Noe, e o Joseph, de Rodme, o Abel de Gessner, o Paraiso de Milton e a Messiada de Klopstock.

Mas nos poemas de assumpto profano cujos heroes são christãos, é muito preferivel lançar mão da mythologia christan, isto é; do complexo das legendas, das crenças, e das superstições populares, em que fazem mui distincta figura os demonios do ar, e da terra, os duendos, os tragos, as fadas, os genios, as mouras encantadas, os masgos, as feiticeiras, e quejandes entidades bem conhecidas nas tradições do vulgo, e com que um poeta de genio inventor póde organisar excellentes quadros dando-lhes a forma e colorido que mais lhe convenha: e a D. Branca do Sr. Almeida Garret é prova conveniente do grande partido que a poesia epica póde tirar d'esta mythologia popular; devendo a maravilha theologica servir so para o desinvolvimento, e para poucos mais casos excepcionaes, em que possa usar-se d'ella com dignidade.

Não ignoramos que o espirito philosophico de alguns, e Voltaire no seu ensaio sôbre o poema epico, pertenderam desacreditar a magia, tractando-a de persuasão absurda, e que so merecera o despreso dos homens que liam Locke e Addisson. Ninguem duvida de que a crensa nas operações magicas seja um absurdo, mas essa crensa tem sido de todos os seculos, de todas as nações; até nas sagradas escripturas se falla de incantamentos, e a igreja os condemna. Mas a questão não é se a magia é razoavel, mas se é poetica, e como lhe devemos Armida, Alcina, Morgana e Urganda, que tornaram tam cheios de vida e de interesse o Gofredo de Tasso, o Orlando furioso de Ariosto, o Orlando namorado de Baiardi, o Amadiz de Bernardo Tasso, e os Argonautas de Appollonio Rhodio, sem fallar no partido que d'elle tiraram os authores dos livros de cavallaria, parece, nos que é impossivel duvidar de que seja uma invenção eminentemente poetica. O coração e a imaginação eis aqui os grandes e competentes juizos da grande poesia, da poesia epica, mas esta não póde ser grande sem ser nacional, nem ser nacional sem que tambem seja popular, nem ser popular sem estar em harmonia com os preconceitos e ideas do maior numero.

Na minha humilde opinião as fadas, que participam de divindades pelo vasto poder que exercem sôbre os tres reinos da natureza, e pelo don da immortalidade, e da natureza humana pelo sentimento das nossas paixões e pela partilha das nossas penas, e dos nossos vicios, são entidades tanto, ou mais poeticas, que os deuzes do polyteismo, e como agentes epicos as tenho por preferiveis aos anjos, mesmo porque são menos perfeitos.

Os magos e as magas teem egualmente todos os requesitos poeticos para produzirem o movimento em um poema epico, atrazando e adiantando a marcha da acção, pelo poder de que os arma a sua sciencia; e como esta sciencia não é egual em todos, tambem o não é o poder, e assim se estabelece a alternativa de susto e de esperança, melhor que com as divindades pagans, cujo poder é egual, e o que é peior ainda segundo Ovidio

...neque enim licet irrita cuiquam
Facta Dei fecisse Deo.

É alèm d'isso é mui verosimil a ingerencia d'estas personagens na acção de uma epopeia. Supponhamos que o poeta toma para assumpto do seu canto a conquista de Granada pelos reis catholicos, não é mui verosimel que o patriotismo dos magos hispanhoes os leve a proteger aquella empresa, e os magos arabes a proteger os seus? não é isto mais natural do que Bacho oppor-se ao descubrimento da India com medo de que as façanhas dos portuguezes façam alli esquecer a suas, isto em um tempo em que talvez nenhum indio tinha noticia siquer do nome d'aquella divindade fabulosa?

Finalmente a execução é tudo. O oiro é mais precioso que o marmore de Carrara, mas uma estatua de marmore obra de Miguel Angelo, ou de Canova, vale mais como producto da arte, que outra de ouro mas trabalhada por um esculptor imperito.

Aconselhamos pois aos novos poetas a explorar esta mina de belezas poeticas, (a mythologia popular) descoberta pelo Sr. Garrett com o admiravel instincto de que é dotado para descobrir belezas novas de poesia nacional, e cujos materiaes elle pôs magistralmente em obra na *Dona Branca*; importa porém usar d'elle em quadros mais complicados e de maior dimensão. Não se diga (como alguem ja disse) que a epopeia não é do nosso seculo, ella é de todos, o caso está em atinar com a fórma que lhe convem.

Recomendamos tambem aos que houverem de servir-

se do maravilhoso theologico, que o façam com muita attenção para não cahir na inverosimilhança e no ridiculo, como tem acontecido a alguns grandes ingenhos. Citaremos por exemplo do primeiro ao grande Milton que depois de nos pintar a Deus ordenando ao archanjo Miguel que á frente dos anjos fieis vá expulsar dos ceus os anjos rebeldes, combatem aquelles com estes, e a victoria fica indicisa, e é necessario que Deus filho suba ao seu carro, e armado do raio persiga Satan, e os seus sequazes até as extremidades dos ceus d'onde os precipita no abismo. Podia acaso Deus dar uma ordem que não fosse immediatamente cumprida?

Do segundo caso nos dara exemplo o padre Frei Manuel de Vasconcellos Barbuda, no seu poema intitulado *Virginida* figurando os anjos festejando nos ceus o nascimento da Virgem com cavalhadas, corridas de patos, illuminações, sendo muito para admirar que tambem lhe não lembrasse algum combate de touros! É para lastimar que aquelle grave e douto religioso que a natureza dotára de tam fecunda veia poetica, manche a sua obra com estas invenções disparatadas e ridiculas, que eu tenho por defeitos mais poderosos, que o requintado gongorismo do seu estilo, pois que este defeito é filho do abuso do ingenho e do seculo em que escreveu, mas aquelle prova a falta de bom senso, que e muito peior ainda.

C...

DOIS ANNOS DE VIAJEM.

1844 — 46.

I.

Introducção. — Ilhas da Madeira e Açores.

924 Ahi vae mais uma relação de viajem augmentar o ja tão crescido numero de publicações d'este genero, que tem inundado o mundo litterario, — não portuguezas, que até os roteiros do Gama e do Cabral estiveram em olvido por largos annos, — mas francezas, inglezas, batavas e allemans, — tão despidas de interesse algumas, que dá lastima vel-as! — Não será mais curiosa esta relação, mas pergunto — Não temos nós olhos e coração, — por que não contaremos tambem o que vimos e o que sentimos em nossas perigrinações? — Terão so licença para escreverem semsaborias a respeito dos paizes remotos — e quando Deus quer dos proximos — aquelles felizes mortaes que foram embalados nas margens do Rheno, do Tamisa ou do Senna? — Não hade ser assim. É necessario desinganar os homens do norte de que os portuguezes tambem correm o mundo com a fronte levantada, como os demais filhos de Adão que fallam diverso idioma, e que irmanmente comnosco repartiu o Eterno um raio da sua divina inteligencia. Á falta de melhores producções, sahirá a lume a tosca relação dos meus trabalhos, diversões e sensações durante o espaço de dois annos que ultimamente vagueei longe da patria; — embora muitos a julguem pouco importante, e por isso indigna de occupar a attenção do publico, que precisa mais tempo para pensar em politica — impelem-me dois motivos assaz fortes para publical-a: *primo*, a extrema indulgencia, com que foram acolhidos no Rio de Janeiro alguns fragmentas que estampei no *Jornal do Commercio*, traduzidos em seguida para hispanhol pelo *Constitucional* de Montevideo, *secundo*, o bom acolhimento que acharam as compilações de acontecimentos maritimos portuguezes, com que mimoseou o seu paiz — o meu illustre camarada, o Sr. Celestino Soares. — Creio que dei cavaco sufficiente, e que é tempo de encetar a narração.

—

Era em maio de 1844: depois de largo tempo ancorava nas aguas do Tejo a fragata *Diana*, prompta a seguir viajem, mas sem que se soubesse o seu verdadeiro destino. Um dia correu a voz de sahida repentina, — e não foi falço o boato — que passado pouco tempo, — na manhan de 17, sahia comeffeito a fragata, a reboque do vapor *Terceira*, pela barra de Lisboa fóra.

Tinha-mos ainda á vista as torres da barra, o palacio da Ajuda, e todos esses saudosos cumes de montanhas que fecham o panorama do Tejo, — seguia-mos com todo o panno largo, á popa, correndo cinco milhas cada hora, extranhava-mos é verdade os grandes balanços que dava a fragata — quando de repente o mastareo da gata se precipita feito em trez pedaços, e as vergas de gavea, joanetes e sobre-grande, os paus de cutelos do velacho e joanete, cahem egualmente quebrados. — O balanço havia sido mui forte, e os madeiros estavam resequidos, por isso desarvorámos em bonança.

Mal principiada viajem! exclamaram alguns, descontentes deveras com esta introducção — por que os maritimos são em geral supersticiosos, apezar do seu falar solto em terra, d'onde muita gente tem inferido, que os pobres diabos não professam religião, nem temor de Deus, nem nada —. Mal principiada viajam! repetiam os fatalistas, accrescentando: — Não acabará bem!

Mas a profecia não se realizou, porque a fragata regressou a Lisboa ha quasi um anno, sem ter soffrido grandes desastres, e talvez deixando saudades a algum dos fatalistas.

Compoz-se a mastreação como foi possivel, e com trez dias de viajem aportamos á ilha da Madeira. Um quadro sublime apresenta esta ilha ao viajante — montanhas descomunaes de um magestoso aspecto — altos pincaros inegrecidos, misturando-se com as nuvens alvacentas — uma vegetação robusta por entre as mais escabrosas sendas — torrentes de agua cristalina precipitando-se das rochas — eis os primeiros traços que avultam n'este painel; depois — um clima sempre temperado, onde a intensidade do sol, é moderada pelos halitos da fagueira briza, — um ceu puro e suave, e um solo fertilissimo, em que produzem de egual fórma as plantas d'aquem, e d'entre-tropicos, — campos abençoados em que a bananeira cresce no meio da vinha, e floresce o annanaz ao lado do pecegueiro.

São tantas as descripções que por esse mundo correm, d'este torrão portuguez, que pouco nos demoraremos nas suas aguas, — e posto o ferro em cima seguiremos viagem para outros paizes. Entretanto deixarei aqui registrada uma obvervação minha — e creio que de muito gente boa — abstendo-me todavia de moralizar sôbre ella; e em breves palavras concluirei o meu esboço descriptivo.

Uma grande parte das propriedades da ilha são inglezas, e é numeroso o concurso de familias d'aquella nação, que vem todos os annos passar alli o hynverno — por doença ou por distracção; — as senhoras madeirenses fallam todas o idioma inglez, e os homens

— não só das classes elevadas, mas os burriqueiros e barqueiros, os cocheiros e até trabalhadores do campo — se intendem no fallar com os nossos alliados; — o doutor Kalley ha alguns annos que prega o protestantismo — a religião da Gran Bretanha: (bem exaltados tinha elle os animos na occasião em que eu aportei ao Funchal, e por sua causa esteve a fragata Diana em tom de guerra no Machico. — Em agosto d'este anno todos nós sabemos o que por lá foi!) finalmente ouvi a mais de um natural da ilha, exclamar. — Quando será ingleza ésta terra? Como seriamos felizes! — E de tudo isto eu não tiro conclusão nenhuma, mas afianço a sua veracidade.

Quem desembarca no Funchal, procura logo um cavallo, e sahe da cidade a galope: — por toda a parte gozará de vistas magnificas. — Ou suba á *Senhora do Monte*, *Sancto-Antonio*, ou *Pico*, — ou va mais longe ver a grandiosa quinta de *Palheiro-Ferreiro*: ou destinado todo o dia o gozar das maravilhas da natureza, trepe até ao *Jardim da Serra*, para de la abismar a vista no tremendo despenhadeiro que tem o nome de *Curral das freiras* — o quadro é sempre grande, sempre variado.

Estive alguns dias na villa de Machico (como ja disse, por intervenção do doutor Kalley) — este logar o primeiro povoado pelos colonos portuguezes, sepulchro de Machin, e primeiro templo christão de toda a ilha, onde Zargo fez celebrar o sacrificio da missa. — tem uma prespectiva risonha, mas nenhum d'esses paineis grandiosos que nos mostram as cercanias do Funchal, por isso o viajante, apezar das recordações historicas e tradicionaes, difficilmente se resolve a demorar-se nas suas praias; nem mesmo o prende a fama das mulheres d'esta villa — que passam por ser as mais formosas da ilha; — e, digamol-o em confidencia, o forasteiro tem razão — que não espantam ellas por demasiada belleza.

A *Calheta*, e a *Magdalena*, que apenas vi do mar, são pequenas e pobres villas, — e o *Porto do Moniz*, na extremidade da ilha opposta ao Funchal, é tambem uma miseravel povoação. Alguns dias que alli me demorei (porque o mau tempo me não consentia voltar por mar á cidade) nada observei notavel — a não ser um homem que trouxe um officio meu para o commandante da fragata, que estava no Funchal, e regressou com a resposta em 22 horas, isto é — tinha caminhado, a pé, n'aquelle espaço de tempo (descontadas as demoras inevitavies) trinta e seis leguas de um paiz montanhoso, tendo que subir no transito á altura de uma das maiores montanhas, e descer depois á beira do mar, por ser esse o unico caminho praticavel. Chamava-se José... mas não me recordo do cognome.

Em agosto, fomos ás ilhas de San'Miguel e do Fayal. Receberam-nos ahi (como na Madeira) cordeal e francamente: alguns dos officiaes eram rapazes, e consequentemente morriam pela dança, — pois o bello sexo de todas as ilhas a que aportamos, nos deu o prazer de vir abordo da fragata, e aquelles corpos aerios voltearam em alegres walsas e contradanças, sôbre a tolda costumada ao pesado pé do marinheiro.

Estas duas ilhas afiguram-se jardins puramente de recreio, ao navegante que as avista por qualquer das faces — tanta é a belleza das suas costas — A inconstancia do clima contribue para conservar sempre verdes e floridas aquellas deliciosas planicies, que debalde se procurariam eguaes em outra parte do mundo. — A cidade de Ponta-Delgada (San'Miguel) é extença, magestosa, e ricca, — mas a de Horta (Fayal) se lhe faltam essas preciosas circumstancias, é todavia coroada de tam bellas prespectivas, circumdada de tam lindas paizagens, — que não sei se ainda gôsto mais d'ella!..

San'Miguel ufana-se de ter em seu seio *As furnas*, producção maravilhosa da natureza, cujos banhos variados, são efficaz remedio para mui diversas doenças; e o Fayal menciona com orgulho a sua *Caldeira*, voragem portentosa tam frequentada dos viajantes. Entre ellas, la jaz o baluarte da liberdade (Terceira) que vimos de passagem, e a *Graciosa*, cujo nome tão bem lhe quadra, e o *Pico* elevando ás nuvens o cume gigantesco, e *San'Jorge* — a desprezada — apezar do excelente gado que possue, do precioso leite que todos nós temos gostado em saborosos queijos que d'alli vem.

Mas em nenhuma das ilhas ha um theatro regular; apenas na Madeira uma academia philarmonica, e nenhuma carruagem elegante * — aqui um palanquim, alli uma rede, acola uma velha traquitana, mais longe uma sege patriarchal; porém os bailes são numerosos — e o gosto e a regularidade que preside a essas funcções, mostra sobejamente ao extrangeiro que não se acha entre um povo inculto.

A 20 de novembro desaferrámos do Funchal com destino ao Rio de Janeiro — e logo ao anoitecer partimos outro mastareu da gata, e outras vergas. — «Está visto, exclamavam os fatalistas, querem extender a viagem para mais longe, ahi teem novo aviso... Não acaba bem!» — «Oh! la isso decerto!» repetiam diversas vozes. — E a fragata seguindo para o sul.

Que não me esqueça mencionar a execução que démos ao artigo V do capitulo I do regimento-provisional da armada, que manda dizer missa nos dias sanctificados, e rezar a ladainha à noite; ainda assim não se cumpriu á risca a lettra da lei, porque sempre se disse uma missa so, em logar de duas que la determina, e a ladainha era so aos sabbados, em logar de ser todos os dias, como o livro recommenda; mas por isso era cantada em vez de resada, e com acompanhamento musical.

O sacrificio da missa é solemne no mar: — ver o sacerdote no momento de elevar a hostia consagrada, vacilar por um encontrado balouço, como se tremesse ante a magestade do Senhor, e os assistentes curvarem-se ás vezes mais do que tencionavam em seu orgulho feroz, como se podêr sobrenatural os obrigasse a uma genuflexão profunda; a onda pura rociando o sacrificante e os ouvintes, como se fôra a agua do Jordão, que viesse laval-os da culpa; — tem tudo isto um certo cunho de mysteriosa grandeza que nos faz contemplar com mais respeito aquella cerimonia no convez de um navio, do que na lage do templo.

A fragata corre soberbamente, ja temos á vista a ilha de Sancto-Antão, uma das que formam o archipelago de Cabo Verde — mas como não aportámos a ella, tambem eu nada direi do seu solo, povoação, costu-

* Parece-me que o illustre viajante poderia exceptuar aqui a ilha de San'Miguel, onde me dizem haver trens de toda a moderna elegancia.

Da Redac.

mes etc. — porque não é uma obra scientifica que me propuz escrever, mas unicamente *recordações de viagens*. — Tambem não farei como um celebre viajante inglez, que passando á vista da ilha da Madeira em um barco de vapor, dirigiu o oculo para a terra, e ao cabo de dez minutos de observação lançou ésta nota no seu *album*: — Na ilha da Madeira está a civilização em grande atrazo.

A fragata continúa em sua carreira ordinaria de nove a dez milhas por hora; e eu darei descanço ao leitor em quanto não nos acercamos mais da costa do Brasil.

(Continúa.) *Francisco Maria Bordallo.*

ESTUDOS MORAES.

INTRODUCÇÃO — A DISSIMULAÇÃO.

925 Eu, com a minha idade, a publicar uma serie de *estudos moraes*, parecerá decerto caturrice a bom número de leitores. Não me condemnem porém antes de bem conhecerem a materia do seu julgamento. Os meus estudos moraes não se hão de parecer em nada com os do pedagogo atrabiliario, ou algum Diogenes de roupeta que grite muito no pulpito, ou escreva na cella para fazer o que Deus sabe em contraste com as suas bellas maximas... d'onde decerto veio aquelle bello rifão, sentencioso e conciso como todos os rifões da nossa boa lingua: 'bem o prega Fr. Thomaz; fazei vós o que elle diz, não façaes o que elle faz.' Pois não senhores, os meus estudos moraes hão de ser muito comezinhos, verdadeiros e agradaveis, ao menos pelos assumptos.

Por outro lado, se me quizerem negar a experiencia necessaria para os imprehender, respondo com tres replicas, que em quanto a mim não teem redarguição. Nos pontos em que me faltar a experiencia, ou ésta me não dê resultados firmes para avaliar as coisas exactamente como ellas são, recorrerei aos mestres — Outra vez, não intendo por mestres os taes subjeitinhos a que acima me referi; os mestres, n'este caso, para mim são os romancistas que modernamente mais e melhor teem averiguado as inclinações, os defeitos, os matizes todos da indole humana, dos costumes da sociedade, e das velhacariazinhas que por ahi se usam mais ou menos por esse mundo por todos e em tudo. Isto posto, não me venham depois accusar alguma vez de pirataria litteraria. Isto não é furtar, será ir buscar, onde elles estiverem os materiaes para o meu edificio: *je cherche mon bien où je le trouve.* Nunca fiz d'outras *apanhas*, e ha por ahi tanto quem furte, não á experiencia, que sería isso instruir-se, mas ao *genio*, que é ao que não se póde nem deve furtar, porque se faz a tal figura cadaverica, muito desprezivel depois da autopsia, do *pirata iniquo com os trabalhos alheios feito ricco.*

Agora pelo que respeita á minha propria experiencia, hão de me dar licença que não deixe o meu credito por mãos alheias. Se é verdade que pelo que respeita á experiencia do mundo, ao conhecimento dos homens, á exacta avaliação das coisas, e ao alcance do provir, 'vale mais um só dia de trabalhos que dez annos de ventura,' eu, que toda a minha vida tem sido de trabalhos (e continuar-se-ha) devo estar hoje um Theophrasto, um Plutarco, um La Bruière, um Addisson...

Mas suppunhamos que não estou nada d'isto, e supporemos muito bem, hão de me conceder comtudo, que no tempo em que vivemos conhecem-se mais depressa os homens (e as senhoras tambem, intende-se) adquire-se em muito menos tempo a experiencia, e ha muito maior somma e variedade de factos para analysar e formar um juizo, do que jamais se conheceram homens, se adquiriu experiencia, ou se póde formar collecção para avaliar os costumes. Hoje um rapaz de dezoito annos tem obrigação de *saber mais mundo*, do que um bom ancião d'outros tempos. Pois se o pobre do rapaz começa logo a servir de péla ás vicissitudes d'esta vida d'agora, tão pouco vida em tão longa existencia! Querem que explique isto. Chamo pequena á vida porque passa sem ser gozada, e longa á existencia porque soffre hoje em poucos annos o que d'antes acontecia so em muitos seculos — e com grandes aperfeiçoamentos, que seriam muito para ler e admirar n'uma novella do visconde d'Arlincourt; mas que não são nada de soffrer, nem de supportar, ao menos para mim, que me fazem doer o pêlo e o coração.

Ora, se isto tudo é assim, como eu creio que não haverá pyrrhonio que o negue — porque eu sempre desejaria ver n'um tempo como este nosso, como os scepticos do 2.° seculo arranjavam os seus *tropos* — se tudo isto é assim, que dúvida haverá em julgar um homem do mundo, quem quer que seja, capaz de fazer os seus estudos moraes com todo o *aplomb*! (Desculpem-me o francezismo, que a gente não tem remedio senão fazer-se *francez*.)

Eu quizera, e devêra acabar aqui a introducção ao meu importante trabalho que vai começar immediatamente, porque emfim os cumprimentos estão feito, quizera e devêra, se me não visse agora n'um grande embaraço. Eu não faço um livro, escrevo n'um jornal, e, em que me pêse,

que fazer senão amoldar-me ás suas exigentes circumstancias? E o que demandam ellas n'este momento de mim, muito imperiosamente, é que eu faça mais extenso o artigo, que todavia não póde ser longo. N'este caso, se remato aqui este prologo, ou seja o que for, o artigo fica pequeno, se escrevo o meu primeiro estudo, o artigo vai sahir-me de incomportaveis medidas e ahi me começam a ralhar os leitores que ralham de tudo, até da Revista ter muita variedade, n'um tempo em que todos os jornaes que se criam, se reformam e se escrevem la fóra, onde se intende muito mais d'estas coisas do que ca, teem elles pretensões a *universaes*, e assim o imprimem em lettras muito gordas no alto do seu frontespicio! Valha-me Deus com este nosso mundo de Portugal, tam aguarentadinho e tam pequenino, mas tam cheio de invejas e de mordacidade!..

Como ia dizendo, visto que me é necessario escrever mais algumas linhas, vou prevenir as minhas amaveis leitoras que o primeiro dos meus estudos moraes, será, como era de razão, e mesmo como não podia deixar de ser, todo expressamente consagrado ás suas adoraveis pessoas. E é sôbre um ponto capital, sôbre o seu segredo mais intimo, a alavanca de todo o seu podêr nos homens, o talisman de todo o seu prestigio, o mysterio dos mysterios do seu coração emfim — é sôbre a *dissimulação*.

E eu estimo bem ter este espaço ainda, e opportunidade, para me explicar previamente sôbre esta palavra. Muitos moralistas, eminentemente rígidos, e provavelmente dos que mais dissimularam toda a sua vida, tomaram este vocabulo n'uma accepção tam feia, em tam mau sentido, que eu não poderia, sem incorrer na nota de *grosseiro*, applical-o ás senhoras uma vez que a este respeito não désse mui cabaes explicações.

Vamos a ellas. La Bruyère intendeu por dissimulação a *arte de arranjar as palavras e as acções para mau fim*; Vanvenargues, disse que era a *impostura pensada*; La Rochefoucauld escreveu, *que a sinceridade que ordinariamente se via nos homens era uma fina dissimulação para attrahir a confiança dos outros*, e Saint-Prosper alcunhou-a do *vicio mais ignobil que invilece a nossa especie*. — Diz que é, *a mentira em acção*. Descansem porém as amaveis leitoras: se eu intendesse que a *dissimulação* era coisa tam feia, riscava ésta palavra dos diccionarios de meu uso quando houvesse de tractar de senhoras. Estarei inganado; mas parece-me que aquelles excellentes escriptores confundiram a dissimulação com a hypocrizia; ainda que por ésta palavra intendeu La Rochefoucauld a *homenagem prestada á virtude pelo vicio*.

Seja como for porém; pouco importa o que os outros intendem por dissimulação, eu, na applicação que faço d'este termo, aos disfarces muitas vezes amaveis das senhoras, a essa *arte delicada com que ellas sabem tam seductoramente esconderem-nos os seus projectos e pensamentos*, não posso ligar tam negro sentido interpretado com tam carregadas cores.

Ja se ve pois o que eu intendo por dissimulação. Dissimula-se pois sem mentir. Não ha mentira onde não ha proposito de contradizer a verdade. Ora, póde-se muito bem occultar ésta sem mentir. Se eu disser o contrário do que sinto, menti; mas se eu deixar simplesmente de mostrar o que sinto, sem fingir o contrário, dissimulei. Um exemplo: se Maria ama Francisco e finge amar José, porque assim lhe convem, ingana, mente a José; mas se Maria ama José e o não mostra, por motivos, sem que ame outrem, dissimula.

A palavra assim interpretada, e que é, quanto a mim a sua genuina significação, nada apresenta de odioso em seu sentido. Póde ser fatal a dissimulação para a pessoa que a usa, e para aquellas a respeito de quem ella for empregada; mas a innocencia, ou ainda mesmo a razão das intenções, attenuam a responsabilidade da dissimulação. Em todo o caso, a dissimulação n'uma senhora, sem dever ser approvada póde ser desculpavel. Os homens que se acautellem dos seus effeitos, e estudem, se é possivel, o modo de a adivinhar. Veremos como este estudo se poderia fazer, talvez no artigo seguinte.

THEATRO DE D. MARIA II.

Os Especuladores. Drama em 5 actos, traduzido do francez.

926 Os Especuladores é composição de MM. Durantin e Fontaine, o primeiro dos quaes dizem ser bem moço. O mais notavel d'esta peça é a questão a que a sua representação deu causa, entre a censura o theatro e os auctores. Chamou se primeiro *Le Notaire*, depois *Un homme d'affaires*, e por fim *Les Speculateurs*. O motivo d'esta questão nos levaria muito longe se merecesse a pena desinvolvel-o, basta que fique registrado, que a censura é tam severa em França, que parecendo-lhe ver no primeiro titulo da peça o que quer que fosse que implicava com uma classe inteira, nada foi capaz de fazer com que deixasse de o riscar,

Os Especuladores foi representada no 'theatro-francez.' Mas isso não póde fazer com que seja, ao menos para mim, um bom drama; pareceu-me a acção falta de interesse, pouco bem conduzida, e vulgar. No original acaba a peça com o suicidio de Arthur. Ca, pensou-se que o publico aborrece éstas scenas de sangue, e converteu-se aquelle desfecho n'um perdão

universal. Não posso aprovar tal mudança. O publico o que aborrece são as más scenas; mas, julgo eu, não havia nunca de desaprovar uma scena que, como ésta, se passava fóra dos seus olhos, e que me parece absolutamente indispensavel para complemento do drama e do pensamento moral a que elle se dirige. Que a desgraça injustamente perseguida, venha emfim a alcançar a ventura que póde ter merecido, intendo eu que é popular e agradavel ao coração humano; mas que os erros, as más acções, o crime emfim, fiquem afinal impunes e tranquillos, será muito mystico e tudo que quizerem; mas creio que é muito pouco theatral. Pretende-se ou não dar n'esta peça uma licção moral? Se é isso que se pretende, tal fim não se alcança com o novo desfecho; se não é isso que se pretende, então a peça é intoleravelmente inutil, porque não tem nenhuma outra boa qualidade que a possa recommendar.

O novo desfecho prejudica ainda a acção dramatica. Sabe-se que Arthur é salvo do suicidio por um criado; mas Millot, o outro especulador, o mais culpado talvez, que é feito d'elle? Esta falta é tambem, creio eu, do original; mas la a peça termina com um suicidio, que absorve todas as attenções, e pelo mais póde esquecer o menos; com o novo desfecho porém a curiosidade do espectador não fica satisfeita: quer saber do homem que induziu ás más especulações e aos erros o seu amigo, e estimaria que ao menos soffresse elle pelos seus maus conselhos, um castigo condigno; ainda mais, porque não ha circumstancia nenhuma que o leve a sympathizar com ésta figura.

Dou succintamente á critica o que me pareceu dever dar-lhe. As intenções respeito as eu, e louvo-as.

VARIEDADES.

ILHA DA MADEIRA.

SUCCESSOS DO DR. KALLEY.

927 A Revista occupou se por varias vezes d'este propagandista, e doutor em medicina, que ha annos se estabelècera n'uma das mais ferteis e formosas porções do territorio portuguez. Soube-se ha pouco, e n'estas columnas se noticiou, que um motim popular expulsára d'aquella ilha o fervoroso apostolo do lutheranismo. O govêrno nomeára um commissario revestido de plenos poderes para conhecer do facto, e restituir a ordem e restabelecer a justiça como de direito fosse. Ultimamente por um officio publicado no 'Diario do Governo' soubemos que o referido commissario desempenhára cabalmente a sua importantissima commissão, *vencendo com a sua prudencia e capacidade o melindre das circumstancias*. Mas não temos sido até aqui informados, officialmente, das circumstancias que produziram, seguiram e acabaram com os acontecimentos alias graves, que as prégações do Dr. Kalley fizeram desinvolver na ilha da Madeira. A este respeito le-se no *Siécle* de 11 do passado, um dos jornaes francezes de maior reputação, um excellente artigo, que me pareceu interessante de reproduzir nas columnas da Revista, ainda mais attendendo á falta de informações officiaes que lamento. Transcrevendo porém este artigo, ou a maior parte d'elle, declaro solemnemente que não quero participar da responsabilidade de algumas das suas asserções sôbre o pensamento governativo da nação britannica; admiro muito a habilidade e o patriotismo sem egual d'esse govêrno illustrado, para que me atreva a fazer-lhe cargo da sua politica, contra que os demais govêrnos do mundo se devem prevenir, é verdade; mas que me parece injusto exprobar-lhe. Em quanto porém ao que no mesmo artigo se le a respeito do Sr. Avila, eu desposo completamente a opinião do jornal francez; nem isso sería preciso dizer, porque ao merecimento comprovado do Sr. Avila faz justiça o paiz inteiro.

Aqui esta o que diz o *Siécle*.

UM NOVO PRITCHARD, A ILHA DA MADEIRA E OS INGLEZES,

A Inglaterra não influe no mundo so pelas suas instituições, exercitos, esquadras, riquezas e commercio immenso; a religião é tambem um dos instrumentos familiares da sua ambição. Collocada á frente das nações protestantes por Henrique VIII, Isabel, Cromwel e Guilherme III, tem sabido por mais de uma vez servir-se da *reforma* como Philippe II e Luiz XIV se serviram do catholocismo.....

.....

Agora, como d'antes, a politica ingleza continúa a explorar todas as variedades do protestantismo..... E' da natureza d'este povo eminentemente prático tirar partido de tudo até ao mais extravagante sonho do mysticismo. Missionarios de todas as seitas partem diariamente de Londres, Liverpool ou Glascow para derramar até ás extremas da terra habitavel, milhões de exemplares da Biblia impressos a expensas das sociedades da propaganda britannica, Mas estes missionarios não se limitam como os nossos a propagar os artigos-de-fé; apar de cada biblia vão as amostras dos productos inglezes e logo atraz carregações d'elles. Estes apostolos singulares não são so enthusiastas e sanctos, são tambem negociantes, donos d'armazens de bebidas, medicos, boticarios; e accumulam assim os proventos do sagrado e do profano, almoçam sermões e jantam fazendas d'algodão. Por espaço d'alguns seculos, centenares de missionarios francezes não nos deram na China, Siam, e Tonquim uma so casa de commercio; as missões inglezas, ao contrário, cada uma é uma feitoria, e as suas egrejas armazens de fazendas de Manchester ou Birmingham. E isto ainda aqui não fica; por uma progressão necessaria, estes agentes semi-religiosos, semi-commerciantes, não tardam muito que se não transformem tambem em agentes politicos.

Para fazer conhecer a quanto se atrevem e quanto podem, n'esta triplice qualidade, os missionarios inglezes bastará nomear o muito famigerado *Pritchard*..... E é por isso que nos não tomaram de sobresalto as noticias que nos acabam de chegar da Madeira.

Situada em frente do estreito de Gibraltar, quasi em egualdistancia das costas da Hispanha e d'Africa, importante pes la sua posição, productos e riqueza, ésta ilha é uma das mai bellas partes da monarchia portugueza. Com tantas vantagens era bem natural que tentasse a propaganda ingleza. Ha annos bastantes que um tal Dr. Kalley a escolhèra para theatro de suas experiencias, medicas, a principio, religiosas e politicas depois. Nada poupando para o bom exito da sua missão, dando dinheiro aos pobres para os attrahir ás suas predicas, distribuindo gratis aos doentes os soccorros da sua sciencia e da sua pharmacia, e generosamente indemnisado, sem dúvida, dos seus avanços por alguma piedosa bolsa, o Esculapio philantropo julgou afinal ter adquirido força bastante e importancia para não se constranger por mais tempo; e arvorou publicamente a bandeira do protestantismo. Ora, como todas as coisas se incadeiam no proselytismo inglez, ao mesmo tempo que Kalley prégava a reforma religiosa, se estabelecia na ilha um jornal para demonstrar aos seus habitantes que tinham a deplorar haverem nascido subditos portuguezes, e que sería infinitamente melhor para elles pertencer á Inglaterra. Aqui temos pois uma povoação catholica de obra de cem mil almas, audaciosamente provocada a mudar de repente de religião, nacionalidade e homenagem politica! e isto em pleno territorio portuguez, e por subditos, para não dizer agentes, do governo que blasona de ser o mais antigo e poderoso alliado de Portugal.

Ferida d'este modo em suas crenças religiosas e em suas ligações patrioticas a população madeirense perdeu por fim a paciencia. O medico-missionario foi tractado, pouco mais ou menos, como Pritchard: n'uma bella manhan a sua casa foi assaltada; a mobilia quebrada, e a sua bibliotheca heretica deu occasião a um auto-de-fé popular; o proprio prégador deu se por muito feliz de podêr achar refugio abordo de um navio inglez.....

Prevendo a tormenta que d'aqui póde resultar, o govêrno portuguez empenhou-se a conjural-a. Ao primeiro rumor d'este acontecimento pareceu-lhe conveniente mandar á Madeira uma pessoa de confiança, um commissario especial revestido de todos os poderes para tranquillizar os espiritos, pôr em ordem a administração, e apresentar ao govêrno um relatorio imparcial sôbre as circumstancias e causas d'este triste acontecimento. O commissario nomeado foi M. A. J. d'Avila, ex-deputado e ex-ministro da fazenda. A escolha do duque de Palmella não podia ser melhor. M. Avila reune a principios constitucionaes de todo o ponto firmes e um patriotismo a toda a prova, energia de character, grande actividade e talentos notaveis. É um dos homens que melhor conhece os recursos do seu paiz, e o que lhe falta ainda pelo que toca a instituições, luzes e experiencias politicas. Até á última defendeu sempre, assim na tribuna como no poder, as liberdades e as finanças portuguezas... A dignidade de Portugal está pois confiada a muito boas mãos, e é de esperar que M. Avila so usará sobriamente dos poderes extraordinarios que lhe foram confiados, quer seja na reprovação quer na destituição dos mais altos funccionarios....."

O artigo conclue emfim, com muitas considerações politicas que a indole d'este jornal não comporta.

CORREIO EXTRANGEIRO.

928 O outono começou terrivel para os paizes de França e Napoles. As inundações teem alli causado males de grande monta. Muitos pontos da Sicilia, Castellamarre, Milazzo, e outras povoações e muitos campos do continente teem sido devastados pelas cheias, casas, gados, fructos e homens, tudo tem sido destruido. Diz-se que ao oeste de Girgenti, 3 leguas da costa, rebentára um novo vulcão. No meio-dia da França ainda a ruina tem sido maior. São impossiveis de calcular, dizem os jornaes d'aquelle paiz, os desastres causados pelo flagello das inundações. Por todas as margens do Loire, as perdas são immensas. Os arredores de Orleans, a villa de Andrezieux, a cidade d'Amboise, em Angers, a planicie d'Autun, Grury etc. etc., teem padecido as maiores devastações. Soccorros de toda a especie teem sido promptificados pelo governo, e em todo o reino se teem aberto subscripções para acudir a tanta desgraça. A côrte suspendeu as festas que estavam para se dar pelo casamento do duque de Montpensier, em consequencia de tammanhos desastres.

O arcebispo protestante de Dublin, prégando publicamente na cathedral, protestou contra á fórma da oração adoptada por ordem da rainha para rogar a Deus que livrasse o reino-unido do flagello da fome. O arcebispo sustentou que a rainha não tinha tal direito para dar similhante ordem, e que era uma blasphemia pedir a Deus que suspendesse os effeitos da sua colera, porque a fome da Irlanda era um effeito dos seus altos juizos. A imprensa ingleza tem-se occupado muito d'este notavel sermão.

Acaba de apparecer na India em Calcutta uma verdadeira curiosidade na historia da prensa periodica: é o primeiro número de um jornal intitulado. *O sol da India* (Indian Sun), em grande formato, cinco columnas e dez paginas. Cadauma d'estas columnas é consagrada a uma lingua differente; inglez, persiano, hindi, bengali, e hindustanico. O editor é um sabio indigena. Sahe este jornal uma vez por semana.

A situação financeira da bolsa de Paris parece que não é demasiado lisongeira. A praça ha tempos para ca que está pouco animada; e um certo panico entrou nas transacções sôbre caminhos-de-ferro, cujas acções se depreciam de dia para dia. O numerario escasseia na bolsa. Alguns attribuem este estado de coisas á enorme compra que se tem feito de cereaes no extrangeiro, para abastecer o paiz que cada vez se conhece que mais carece d'elles. Receia-se no fim do anno uma crise pecuniaria no Banco. O que parece certo é que a politica tem grande parte em tudo isto.

A convenção do Estado da Nova-York decidiu que d'aqui em diante, todos homens, seja qual for a sua côr, seriam admittidos em todos os tribunaes a advogar as suas proprias causas, justificada que fosse a sua muralidade e instrucção.

CORREIO NACIONAL.

929 Por decreto de 14 do corrente se ordena que toda a pessoa que por qualquer modo, ou sob qualquer pretexto, ingeitar as notas do Banco, em quanto tiverem curso forçado, e couberem em qualquer pagamento ou transacção, incorrerá, além da pena de degredo, que a Ord. do R., liv. 4.°, tit. 22.°, commina aos que ingeitam moeda d'el-rei, na de uma mulcta de 50$000 a 500$000 réis: Que incorre nas mesmas penas quem pública ou particularmente, e sôbre qualquer genero de transacção, de que possa resultar pagamento ou obrigação egual ou superior ao minimo do valor nominal das notas, estabelecer ou exigir preços somente a metal, ou os abrir e estipular diversos em attenção á qualidade de moeda; e bem assim o que estipular ou exigir alguma quantia a titulo de agio ou desconto pela recepção das notas em que ellas tenham cabimento: Que serão consideradas nullas e sem effeito algum todas as clausulas e condições de pagamento em moeda certa e determinada que se tiverem estipulado, ou de futuro se estipularem para excluir as notas, em fraude do disposto nos decretos de 23 de maio, 20 d'agosto e 1 d'outubro do corrente.

Praça de Lisboa. — Na semana última continuou o mercado com pouca animação. As transacções foram mui diminutas. Subiram os preços dos metaes. O agio das notas chegou a 920. Os fundos-publicos sustentaram os preços, e o mesmo as acções das companhias.

N'esta semana sahiram alguns navios inglezes carregados de milho, para Inglaterra e Irlanda.

No dia 12 entrou o vapor inglez *Royal Tar* (paquete do norte) de Southampton em 5 dias, com folhas de Londres até 6 e de Pariz até 4, e 71 passageiros. Sahiu no dia 13 para Gibraltar com 22 passageiros.

Os fundos portuguezes na bolsa de Londres estavam a 41 no dia 5 do corrente.

No ultimo numero da *Illustração* ingleza vem a vista do palacio das Necessidades em Lisboa, e no da *Illustração* franceza a vista da cidade do Porto, e os retratos dos Srs. Palmella, Terceira e Bomfim.

Por decreto de 17 do corrente se ordena que a ultima disposição que acima se le, do decreto de 14, se fique intendendo so pelo que respeita ás transacções que se fizerem da sua publicação em diante. Isto em attenção a uma representação de varios negociantes nacionaes e extrangeiros.

Ensaia-se no theatro de D. Maria II, um drama de A. Dumas, *Luiza Bernard.*